

## O positivismo na poesia de Augusto dos Anjos

Márcia Peters Sabino

### Introdução

Auguste Comte, no seu curso de filosofia positiva, afirma que :

(...) o caráter fundamental da filosofia positiva é tomar todos os fenômenos como sujeitos a *leis* naturais invariáveis, cuja descoberta precisa e cuja redução ao menor número possível constituem o objetivo de todos os nossos esforços, considerando como absolutamente inacessível e vazia de sentido para nós a investigação das chamadas *causas*, sejam primeiras, sejam finais. (...) Pretendemos somente analisar com exatidão as circunstâncias de sua (*os fenômenos*) produção e vinculá-las umas às outras, mediante relações normais de sucessão e de similitude <sup>1</sup>.

Isto é, Comte renuncia à procura das causas dos fenômenos e preocupa-se somente com a descoberta das leis de funcionamento daqueles, com o objetivo de compreendê-los para poder prevê-los e, finalmente, atuar sobre a realidade, modificando-a – “ciência, daí previdência; previdência, daí ação”. Neste estudo, à semelhança de Comte, serão ignoradas as possíveis causas da “angústia” de Augusto e o interesse recairá, então, nas idéias presentes em seu texto, na linguagem utilizada, a princípio coincidentes com o “amplo movimento de pensamento que dominou grande parte da cultura européia, em suas manifestações filosóficas, políticas, pedagógicas, historiográficas e literárias, (...) de cerca de 1840 a até quase as vésperas da Primeira Guerra mundial”<sup>2</sup>: o positivismo.

As características gerais do positivismo, segundo Reale & Antiseri, são: o primado do método científico como “instrumento cognoscitivo” possuidor de unidade; a transposição do método das ciências naturais para o estudo da sociedade (sociologia), pois as relações humanas e sociais são consideradas “fatos naturais”; a confiança total na ciência como recurso capaz de decifrar o mundo e de solucionar todos os problemas da sociedade; o otimismo generalizado e a

---

<sup>1</sup> COMTE, Auguste. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. P. 7

<sup>2</sup> REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. *História da filosofia. Vol. III*. São Paulo: Paulus, 1991. P. 295

crença no progresso, entendido como inevitável e sempre para melhor; o combate à mentalidade metafísica.

Os principais representantes do positivismo são Auguste Comte – seu fundador, na França; John Stuart Mill e Herbert Spencer, na Inglaterra; Jakob Moleschott e Ernst Haeckel, na Alemanha; Roberto Ardigò, na Itália.

Na França, (*o positivismo*) inseriu-se no racionalismo, que vai de Descartes ao Iluminismo; na Inglaterra, se desenvolveu inserindo-se na tradição empirista e utilitarista e, em seguida, entrelaçando-se com a teoria darwiniana da evolução; na Alemanha, assume a forma de cientificismo e de monismo materialista; na Itália, (...) aprofunda suas raízes no naturalismo renascentista, embora dê seus maiores frutos (...) no campo da pedagogia e também na antropologia criminal<sup>3</sup>.

O positivismo também chegou ao Brasil – “pouco tempo após a morte de Auguste Comte (1857), já se encontravam positivistas no Brasil”<sup>4</sup> – tendo como principais representantes Benjamin Constant – “seu representante mais eminente”, fundador da Sociedade Positivista<sup>5</sup> – e Miguel Lemos, entre outros.<sup>6</sup>

A obra única de Augusto dos Anjos, *Eu*, publicada em 1912 se insere, pois, na época positivista; conseqüentemente, apresenta-se como válida a tentativa de investigar as potenciais coincidências entre a sua obra e aquele sistema filosófico, que pode constituir a estrutura de pensamento que sustenta e conforma seus poemas por meio da linguagem utilizada. A análise será reduzida, neste momento, a dois de seus poemas: *Monólogo de uma Sombra* e *As Cismas do Destino*<sup>7</sup>.

### Monólogo de uma Sombra – o ponto de vista subterrâneo

<sup>3</sup> REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. *História da filosofia. Vol. III*. São Paulo: Paulus, 1991. P. 296

<sup>4</sup> *Peu de temps après la mort d'Aug. Comte (1857), on trouvait déjà des positivistes au Brésil (...)* GRUBER, Le *Positivisme*. Paris: P. Lethielleux libraire-éditeur, 1893. P. 193

<sup>5</sup> *En 1871, Benjamin Constant (...) fonda la "Société positiviste" de Rio de Janeiro. (...) Benjamin Constant (...) a été le représentant le plus éminent du positivisme au Brésil.* Ibidem, pp. 194, 195

<sup>6</sup> *Au Brésil, plus que partout ailleurs, la marche des événements et la vie publique tout entière ont subi l'influence du positivisme représenté par des hommes d'opinions différentes (Benjamin Constant, M. Lemos, L. Barreto, José de Ribeiro, Guedes Cabrol, Tubias Barreto, Silvio Romero, Joaquim Ribeiro de Mendonza, Álvaro de Oliveira, etc., etc.).* Ibidem, p. 213

<sup>7</sup> ANJOS, Augusto dos. *Antologia poética; estudo e notas de Ivan Cavalcanti Proença*. – Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997. Pp. 50 – 56 e 62 – 77, respectivamente.

A primeira parte de *Monólogo de uma Sombra* é constituída pelo discurso de uma larva, que fala sobre si – sobre sua espécie, mais especificamente – sobre o homem, sobre a morte do homem, sobre a relação entre a morte do homem e a sua espécie e sobre aquelas coisas produzidas pelo homem: a filosofia, a ciência e a arte.

As larvas, de acordo com a concepção do poema, são o símbolo da morte, da destruição de todos os seres vivos; elas existem desde os primórdios, desde os tempos em que as moneras – organismos primitivos idealizados por Haeckel, que teriam originado todo o reino vegetal e o animal<sup>8</sup> – existiam pacífica e espontaneamente em todas as partes do globo terrestre; as larvas surgiram imediatamente depois do próprio universo, concomitantemente com a primeira forma de vida: “*Sou uma Sombra! Venho de outras eras, / Do cosmopolitismo das moneras...* São as larvas que fazem girar o ciclo de vida e de morte, de transformação da matéria – *A simbiose das coisas me equilibra./ Em minha ignota mônada, ampla, vibra / A alma dos movimentos rotatórios...* Elas têm a virtude de unir todas as espécies de animais, as quais aparentemente estão separadas como formas de vida bastante diferentes mas que, no fundo, se igualam por estarem todas submetidas à mesma lei positiva que rege a morte, se reconhecendo como partes da mesma massa orgânica ao se deparar com os vermes – *E trago, (...) / A solidariedade subjetiva / De todas as espécies sofredoras.* Afinal, as larvas têm um compromisso com a podridão, (...) *uma vocação para a Desgraça / E um tropismo ancestral para o Infortúnio.*

O conceito de homem presente no poema é puramente materialista, pois ele é reduzido ao seu corpo, e está em concordância com o pensamento de Haeckel, para o qual “a alma humana é somente a soma de todas as funções, o conjunto das forças de tensão das células nervosas; e historicamente, é uma diferenciação da alma dos macacos.”<sup>9</sup> – (...) *clavículas, abdômen ,/ O coração, a boca, em síntese, o Homem, / - Engrenagem de vísceras vulgares.* Com a morte, o

---

<sup>8</sup> (...) *tout le règne végétal et tout le règne animal viennent chacun d'un seul type primitif. Ces types primitifs sont pour lui (Haeckel) les monères, c'est-à-dire des mucosités dépourvues de structure, assez semblables au fameux « Bathybius » découvert par Huxley.* GRUBER, *Le Positivisme*. Paris: P. Lethielleux libraire-éditeur, 1893. P. 286  
<sup>9</sup> *L'âme humaine n'est que la somme de toutes les fonctions, l'ensemble des forces de la tension des cellules nerveuses ; et historiquement, c'est une différenciation de l'âme des singes.* Ibidem, p. 288

corpo humano é completamente destruído mas, tal qual um estame<sup>10</sup>, libera uma energia intra-atômica – o pólen – que *será calor, causa úbiqua de gozo, / Raio X, magnetismo misterioso, / Quimiotaxia, ondulação aérea, / Fonte de repulsões e de prazeres, / Sonoridade potencial dos seres, / Estrangulada dentro da matéria!* e constituirá uma espécie de sobrevivência, o que nos remete à renomada lei de conservação da matéria de Lavoisier: “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.”

As relações das larvas com o cadáver são definidas como: a corrupção da matéria por meio de uma comilança voraz, o que constitui um divertimento – (...) *Os vermes assassinos (...)* / *Numa glutoneria hedionda, brincam, (...)* / *É uma trágica festa emocionante!* – a catalogação pormenorizada do que era propriedade do homem (isto é, seu corpo) e que agora está em posse dos micróbios – *A bacteriologia inventariante / Toma conta do corpo que apodrece...* – uma orgia homossexual, torpe e animal, mas irrepreensível, que glorifica o cadáver sátiro, libertino – *Estoutro agora é o sátiro peralta / Que o sensualismo sodomista exalta, / (...) em suas células vilíssimas, / Há estratificações requintadíssimas / De uma animalidade sem castigo.* – uma sensualidade larval inebriante – *Branças bacantes bêbedas o beijam. (...)* / *E à noite, vai gozar, ébrio de vício, / No sombrio bazar do meretrício, / O cuspo afrodisíaco das fêmeas.* – a derradeira manifestação dos remorsos – *Cresce-lhe a intracefálica tortura, / E de su'alma na caverna escura, / Fazendo ultra-epiléticos esforços, / Acorda, (...)* / *A família alarmada dos remorsos.* – o declínio da consciência – *Míngua-se o combustível da lanterna / E a consciência do sátiro se inferna* – e o reconhecimento do fim cruel, atroz e repugnante inerente aos seres orgânicos – *Reconhecendo, (...)* / *Essa necessidade de horroroso, / Que é talvez propriedade do carbono!*

Entretanto, apesar de sua relação direta com o homem, as larvas conservam-se num patamar superior ao ocupado pelo homem, pois, de certa forma, elas não são tocadas pela morte mas são, sim, os seus soldados definitivos que sempre existiram e nunca se extinguirão como

---

<sup>10</sup> órgão floral masculino, formado pelo filamento que contém os sacos polínicos, de acordo com o dicionário Michaelis.

espécie, pois estão no topo da cadeia alimentar, alimentando-se de todos os outros seres – *Pairando acima dos mundanos tetos,/ Não conheço o acidente da Senectus (...) / Que produz, (...) / O amarelecimento do papyrus / E a miséria anatômica da ruga!* Elas nutrem, aliás, repulsa pelos homens: *Com um pouco de saliva quotidiana / Mostro meu nojo à Natureza Humana.*

A metafísica, combatida pelos positivistas, também é criticada por Augusto dos Anjos: *Trazendo no deserto das idéias / O desespero endêmico do inferno, (...) / Esse mineiro doido das origens, / Que se chama o Filósofo Moderno!* Segundo a lei geral comteana do desenvolvimento do espírito humano exposta no seu *Curso de Filosofia Positiva*, cada ramo de conhecimento passa por três estágios: o teológico, o metafísico e o positivo. No estágio teológico, são investigadas as essências e as causas dos fenômenos, buscando-se um conhecimento absoluto; os fenômenos são explicados como sendo produzidos arbitrariamente por agentes sobrenaturais; ele é o ponto de partida necessário da inteligência humana. O estágio metafísico apenas modifica alguns pontos do teológico e tem como única utilidade promover a transição do estágio teológico para o positivo; cada ser do mundo possui uma força abstrata, uma entidade, uma Forma correspondente que gera os fenômenos; a investigação, portanto, recai na procura da Forma correspondente a cada fenômeno. O estágio positivo é o ponto de chegada, a condição definitiva do pensamento humano; há o abandono das noções absolutas, da busca das causas dos fenômenos e a focalização nos fatos, pesquisando suas leis de funcionamento e de relacionamento. Além disso, Comte chega a considerar, em seu *Discurso sobre o Espírito Positivo*, “o estado metafísico como uma espécie de doença crônica, naturalmente inerente à nossa evolução mental, individual ou coletiva, entre a infância (*o estado teológico*) e a virilidade (*o estado positivo*).”<sup>11</sup> No poema, os filósofos, ao voltarem-se para as Idéias ou Formas, sucumbiram à esterilidade do pensamento e a explicações absolutas, que logo mostraram-se infrutíferas, encontrando apenas, afinal, o único dado absoluto e inescapável: a morte, a lei única que rege o destino de *todos os agregados perecíveis – Quis compreender, quebrando estéreis*

---

<sup>11</sup> COMTE, Auguste. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. P. 48

*normas, / A vida fenomênica das Formas, / Que, iguais a fogos passageiros, luzem... / E apenas encontrou na idéia gasta, / O horror dessa mecânica nefasta, / A que todas as coisas se reduzem!*

A ciência, crua, fria, obscura, observadora apenas dos fatos físicos, não tem seu valor reconhecido pelo mundo, para o qual os sentimentos possuem mais razão que a razão – (...) *observa a ciência crua, / Dentro da elipse ignívoma da lua / A realidade de uma esfera opaca. / (...) os métodos da abstrusa ciência fria / E os trovões gritadores da dialética.* Em contraposição à ciência está a arte, que fala aos sentimentos e à alma do homem, dentro da qual encontram-se em conflito o prazer e a dor – *Ah! Dentro de toda a alma existe a prova / De que a dor como um dardo se renova, / Quando o prazer barbaramente a ataca...* A arte dá forma à dor do homem, modifica seus sentimentos, abrandando suas inquietações, mas às custas da dissimulação da realidade, do fingimento que inverte as coisas, do obscurecimento da percepção do homem – *Somente a Arte (...) / (...) reduz, sem que, entanto, a desintegre, / À condição de uma planície alegre, / A aspereza orográfica do mundo! / (...) a mais alta expressão da dor estética / Consiste essencialmente na alegria.* Mas não a poesia de Augusto dos Anjos, que, ao contrário, desnuda, descarna a realidade das coisas no intuito de chegar ao extremo dessa realidade, à verdade mais pura, mais genuína, mais material, à compreensão das leis que estruturam e que estabelecem os fenômenos, numa renúncia total a qualquer tipo de ilusão, num comprometimento absoluto com a realidade una e concreta do mundo.

A vida, compreendida como sofrimento e martírio, é absolutamente concreta e material e inevitavelmente lança-se na morte. A profunda consciência desse fato conduz Augusto dos Anjos a um ceticismo, a uma idéia da completa inutilidade da vida e do nada a que ela se reduz com a morte – *E foi então para isto que esse doudo / Estragou o vibrátil plasma todo, (...) / Num suicídio graduado, consumir-se, / E após tantas vigílias, reduzir-se / À herança miserável dos micróbios! (...) / E autopsiando a amaríssima existência / Encontra um cancro assíduo na consciência / E três manchas de sangue na camisa!* Esse ceticismo de Augusto dos Anjos

aparentemente destoa do estado de otimismo geral e da crença no progresso presentes no positivismo; nesse, a ciência desanuvia o mundo, a razão equilibra o homem, o conhecimento traz o poder do controle, o entendimento acarreta a paz mas, para Augusto dos Anjos, a percepção do mundo sob esses prismas esvaziam-no, em vez de significá-lo, tornam-no *nihil*.

Na segunda parte do poema, o ouvinte do discurso da larva caracteriza-o como uma fala sarcástica, azeda, mundana, desordenada, infernal, irônica, consagrada ao luto e à tristeza, universal e natural, e afirma que para sempre (até a sua morte, obviamente) sofrerá as conseqüências de ter ouvido tal discurso, suas influências nefastas. Sendo o *Monólogo de uma Sombra* o poema de abertura do livro *Eu*, a apreciação que o ouvinte faz do monólogo da larva serve como uma possível explicação para o posterior desenvolvimento das temáticas do restante do livro.

#### *As Cismas do Destino – a inevitabilidade do paradigma científico*

*As Cismas do Destino* é dividido em 4 partes: nas duas primeiras fala o poeta<sup>12</sup>, na terceira, sua voz interior, e na quarta aquele retorna. Inicialmente, o poeta descreve as impressões que se gravam em seu espírito ao caminhar à noite pelas ruas de Recife, impressões que exprimem a objetividade, a racionalidade e cientificidade com que ele observa o mundo – *Na austera abóbada alta o fósforo alvo / Das estrelas luzia... O calçamento / Sáxeo, de asfalto rijo, atro e vidrento, (...) / Eu vi, então, à luz de áureos reflexos, / O trabalho genésico dos sexos, / Fazendo à noite os homens do Futuro. / Livres de microscópios e escalpelos, / Bilhões de centrossomas apolínicos / Na câmara promíscua do vitellus.(...) / A corrente atmosférica mais forte / Zunia. E, na ígnea crostra do Cruzeiro, (...) / O vento bravo me atirava flechas / E aplicações hiemais de gelo russo. / A vingança dos mundos astronômicos / Enviava à terra extraordinária faca, / Posta em rija adesão de goma laca / Sobre os meus elementos anatômicos. (...) / Ou, pelo menos, o*

---

<sup>12</sup> Quando se escreve “o poeta”, não se faz referência ao indivíduo biográfico Augusto dos Anjos.

*ignis sapiens do Orço / Abafava -me o peito arqueado e porco / Num núcleo de substâncias abrasantes. (...) / Na ascensão barométrica da calma, (...) / Cuspo, cujas caudais meus beiços regam, / Sob a forma de mínimas camândulas, / Benditas sejam todas essas glândulas, (...) / E o luar, da cor de um doente de icterícia, etc.* Isso implica na referência constante à anatomia humana, no emprego de conhecimentos patogênicos, na percepção dos fenômenos e dos objetos físicos do mundo por suas características funcionais ou por sua composição, o que leva à utilização de vocabulário e conceitos técnicos da física, química e biologia.

Ora, as ciências biológicas e físico-químicas tiveram um desenvolvimento espetacular no século XIX: segundo Reale & Antiseri, temos Faraday, Maxwell, Herz, Mayer, Helmholtz, Joule, Clausius, Thompson na física; Lyell na geologia; o desenvolvimento da cristalografia e da astronomia; Belzelius, Menndelejev, Von Liebig, Cannizzaro, Arrhenius, Kekulé na química; Koch, Pasteur, Ehrlich, Von Behring na bacteriologia e imunologia; Von Baer, Von Koliker; Magendie, Bernard na fisiologia; Rokitanski na anatomia patológica; J. Muller, C. Ludwig na farmacologia; Bernard na medicina. A teoria da evolução de Darwin, em especial, provocou uma revolução científica e alterou o lugar do homem na natureza. Ele sustentava “que as espécies se originam da seleção, pelo ambiente, das mais aptas dentre as variações hereditárias existentes” e que “a seleção imprime uma orientação à evolução, já que determina uma adaptação do organismo ao seu ambiente. Em outras palavras, a evolução pode ser vista como uma série de adaptações, cada qual adquirida ou descartada por determinada espécie sob a pressão do processo de seleção, durante longo período de tempo”<sup>13</sup>. Além disso, afirmava que todos os seres vivos “são descendentes diretos de alguns, pouco numerosos, seres vividos muito tempo antes que se depositassem as primeiras camadas do sistema siluriano”<sup>14</sup>. Enfim, o homem, com isso, se igualava aos outros animais, todos tendo a mesma origem e submetidos ao mesmo processo de seleção natural.

---

<sup>13</sup> REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. *História da filosofia. Vol. III*. São Paulo: Paulus, 1991. P. 373

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 374

No poema, encontramos várias passagens que, de acordo com a teoria darwiniana, apresentam a idéia de que o homem é um animal como outro qualquer, não sendo, portanto, melhor ou superior a nenhum deles: ele possui instintos animais – *Tal uma horda feroz de cães famintos, / Atravessando uma estação deserta, / Uivava dentro do eu, com a boca aberta, / A matilha espantada dos instintos!* – ao morrer, ele se assemelha a um cachorro na ânsia de comunicar-se, exprimindo sons ininteligíveis – *Ser cachorro! Ganir incompreendidos / Verbos! Querer dizer-nos que não finge, / E a palavra embrulhar-se no laringe, / Escapando-se apenas em latidos! / Despir a putrescível forma tosca, / Na atra dissolução que tudo inverte, / Deixar cair sobre a barriga inerte / O apetite necrófago da mosca!* – a alma dos animais se encontra dentro do homem, em algum lugar inominável – *A alma dos animais! Pego-a, distingo-a, / Acho-a nesse interior duelo secreto / Entre a ânsia de um vocábulo completo / E uma expressão que não chegou à língua!* – pode-se vislumbrá-la (a alma dos animais) nos vômitos e gritos humanos, nos seus instintos – *Surpreendo-a em quatrilhões de corpos vivos, / Nos antiperistálticos abalos / Que produzem nos bois e nos cavalos / A contração dos gritos instintivos!* – o homem é apenas um mamífero cujo embrião se desenvolve dentro do âmnio<sup>15</sup>, assim como os répteis e as aves – *Vi que, igual a um amniota subterrâneo, / Jazia atravessada no meu crânio / A intercessão fatídica do atraso!* Além disso, há a validação da idéia darwiniana da origem quase ou praticamente única de todos os seres, evoluídos de formas de vida primitivíssimas: *Tempo viria, em que, daquele horrendo / Caos de corpos orgânicos disformes / Rebentariam cérebros enormes / Como bolhas febris de água, fervendo! / Nessa época que os sábios não ensinam, / A pedra dura, os montes argilosos / Criariam feixes de cordões nervosos / E o neuroplasma dos que raciocinam! (...) / Era a revolta trágica dos tipos / Ontogênicos mais elementares, / Desde os foraminíferos dos mares / À grei liliputiana dos pólipos. (...) / A planta que a canícula ígnea torra, / E as coisas inorgânicas mais nulas / Apregoavam encéfalos, medulas / Na alegria guerreira da desforra! / Os protistas e o obscuro acervo rijo / Dos*

---

<sup>15</sup> membrana que envolve o embrião dos vertebrados superiores, na qual está contido o líquido amniótico, que protege e banha o feto, de acordo com o dicionário Michaelis.

*espongiários e dos infusórios / Recebiam com os seus órgãos sensórios / O triunfo emocional do regozijo!*

Para Comte, a sociedade de sua época estava passando por um período de caos, de desorganização, de imoralidade, problemas esses causados pela disputa das filosofias – “(...) a desordem atual das inteligências vincula-se, em última análise, ao emprego simultâneo de três filosofias radicalmente incompatíveis: a filosofia teológica, a filosofia metafísica e a filosofia positiva.”<sup>16</sup> E somente “(...) a filosofia positiva pode ser considerada a única base sólida da reorganização social, que deve terminar o estado de crise no qual se encontram, há tanto tempo, as nações mais civilizadas.”<sup>17</sup> Comte afirma que “quando este duplo trabalho (*a fundação da física social e o estabelecimento de um corpo único e homogêneo de doutrina*) estiver suficientemente avançado, o triunfo definitivo da filosofia positiva ocorrerá espontaneamente e restabelecerá a ordem na sociedade”<sup>18</sup>. São as idéias que direcionam e determinam o funcionamento da sociedade – “(...) a grande crise política e moral das sociedades atuais provém, em última análise, da anarquia intelectual”<sup>19</sup> – e, portanto, as idéias positivas deveriam passar a prevalecer. Para isso, a filosofia positiva deveria fundar a física social, que seria baseada na fisiologia: “em todos os fenômenos sociais observa-se, primeiramente, a influência das leis fisiológicas do indivíduo e, ademais, alguma coisa de particular que modifica seus efeitos e que provém da ação dos indivíduos uns sobre os outros, algo que se complica particularmente na espécie humana por causa da ação de cada geração sobre aquela que lhe segue.”<sup>20</sup>

No poema, retrata-se a sociedade ressaltando seus problemas, sua desordem, sua corrupção: os crimes – *Nessa hora de monólogos sublimes, / A companhia dos ladrões da noite, / Buscando uma taverna que os açoite, / Vai pela escuridão pensando crimes.* – os atos de imoralidade – *Perpetravam-se os atos mais funestos, / E o luar, da cor de um doente de icterícia, / Iluminava, a rir, sem pudicícia, / A camisa vermelha dos incestos.* – os vícios – *Nas agonias do*

---

<sup>16</sup> COMTE, Auguste. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. P. 18

<sup>17</sup> Ibidem, p. 17

<sup>18</sup> Ibidem, p. 18

<sup>19</sup> Ibidem, p. 17

<sup>20</sup> Ibidem, p. 33

*delirium-tremens, / Os bêbedos alvares que me olhavam, / Com os copos cheios esterilizavam / A substância prolífica dos semens! – a prostituição – Iam depois dormir nos lupanares / Onde, na glória da concupiscência, / Depositavam quase sem consciência / As derradeiras forças musculares. (...) Prostituição ou outro qualquer nome, / Por tua causa, embora o homem te aceite, / É que as mulheres ruins ficam sem leite / E os meninos sem pai morrem de fome! – as mortes desnecessárias, tanto dos homens quanto dos animais domesticados, resultantes da negligência com que o homem administra sua sociedade – Por que há de haver aqui tantos enterros? / Lá no “Engenho” também, a morte é ingrata... / Há o malvado carbúnculo que mata / A sociedade infante dos bezerros! / Quantas moças que o túmulo reclama! / E após a podridão de tantas moças, / Os porcos espojando-se nas poças / Da virgindade reduzida à lama.*

O paradigma científico, racional e materialista que o poeta emprega em sua relação com o mundo o incomoda, o irrita, o atormenta – *A cor do sangue é a cor que me impressiona / E a que mais neste mundo me persegue! / Essa obsessão cromática me abate. / Não sei por que me vêm sempre à lembrança / O estômago esfaqueado de uma criança / E um pedaço de víscera escarlate.* Sua tristeza e desgosto são tamanhas, que ele julga sentir a dor de todos os seres humanos, expressando essa mágoa com a metáfora de uma tuberculose que ele dificilmente suporta e que o apodrece gradualmente – *Eu bem sabia, (...) / Que uma população doente do peito / Tossia sem remédio na minh’alma! / E o cuspo que essa hereditária tosse / Golfava, à guisa de ácido resíduo, (...) / Era a expectoração pútrida e crassa / Dos brônquios pulmonares de uma raça (...) / E a saliva daqueles infelizes / Inchava, em minha boca, de tal arte, / Que eu, para não cuspir por toda a parte, / Ia engolindo, aos poucos, a hemoptisis! (...) / Chegou-me o estado máximo da mágoa! / Duas, três, quatro, cinco, seis e sete / Vezes que eu me furei com um canivete, / A hemoglobina vinha cheia de água!* Esse sofrimento tanto o enlouquece que ele chega a desejar que pudesse viver iludido, cego, irracional, inconsciente – *E eu desejava ter, numa ânsia rara, (...) / A inconsciência das máscaras de cera / Que a gente prega, com um cordão, na cara! / Era um sonho ladrão de submergir-me / Na vida universal, e, em tudo imerso,*

*/ Fazer da parte abstrata do Universo, / Minha morada equilibrada e firme!* Nesse momento, e aí entramos na terceira parte, ele ouve uma voz interna que o faz perceber que, para ele, é impossível compreender o mundo de outra maneira e que, portanto, sua sina é expor o dissimulado, enfrentar o medonho, conhecer o cognoscível, mergulhar na realidade concreta.

Segundo Gruber, os positivistas só confiavam naquilo que era fruto da observação direta ou de conclusões rigorosamente lógicas.<sup>21</sup> Portanto, para investigar cientificamente um fenômeno físico, por exemplo, é necessário observá-lo e não imaginá-lo; assim também, para que o poeta investigue de forma exata a dor, é preciso que ele a experimente não na quantidade e qualidade de um único indivíduo, mas com a intensidade com que todos os indivíduos existentes a provam, pois assim alcançará a totalidade da dor – e nisso consiste a explicação, dada por essa voz, para o sofrimento do poeta – *Negro e sem fim é esse em que te mergulhas / Lugar do Cosmos, onde a dor infrene / É feita (...) / Porque, para que a Dor perscrutes, fora / Mister que, não como és, em síntese, antes / Fosses, a refletir teus semelhantes, / A própria humanidade sofredora! / A universal complexidade é que Ela / Compreende. E se, por vezes, se divide, / Mesmo ainda assim, seu todo não reside / No quociente isolado da parcela!*

A voz interna, em sua enunciação, defende a validade do pensamento positivo em oposição ao metafísico que “tenta, antes de tudo, explicar a natureza íntima dos seres, a origem e o destino de todas as coisas (*suas causas*), o modo essencial de produção de todos fenômenos”<sup>22</sup> – *Homem! por mais que a Idéia desintegres, / Nessas perquirições que não têm pausa, / Jamais, magro homem, saberás a causa / De todos os fenômenos alegres!* Além disso encontramos, em seu discurso, referência explícita à doutrina de Spencer – *Ignoto é o gérmen dessa força ativa / Que engendra, em cada célula passiva, / A heterogeneidade das mudanças! (...) / E a evolução do novo para o velho / E do homogêneo para o heterogêneo!* Spencer, segundo Gruber, divide a realidade em duas partes: o cognoscível, que são os fenômenos, e o incognoscível, que é todo o

---

<sup>21</sup> *En effet, de l'aveu même des positivistes, la première préoccupation de la science doit être de ne donner pour certain que ce qui repose sur l'observation directe ou sur ses conclusions rigoureusement logiques.* GRUBER, *Le Positivisme*. Paris: P. Lethielleux libraire-éditeur, 1893. P. 498

<sup>22</sup> COMTE, Auguste. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. P. 47

resto; ele, então, busca explicar o cognoscível, os fenômenos, que seriam regidos por uma única lei, a lei da evolução<sup>23</sup>: tanto o universo inteiro quanto o indivíduo isolado estariam submetidos “a um grande processo universal de evolução e de resolução (concentração e dispersão, integração e desintegração)”<sup>24</sup>. Spencer foi adepto da fórmula de Von Baer, estendendo-a a todos os seres vivos, ao sistema solar, à Terra, à biologia, à psicologia, à sociologia, à moral.<sup>25</sup>: “a evolução é a integração de matéria acompanhada da dispersão de movimento, em que a matéria passa de homogeneidade indefinida e incoerente a heterogeneidade definida e coerente, ao passo que o movimento contido sofre transformação paralela”<sup>26</sup>

O mundo, de acordo com a descrição feita por essa voz interna, comporta: a destrutibilidade do corpo humano – *Os sanguinolentíssimos chicotes / Da hemorragia; as nódoas mais espessas, / O achatamento ignóbil das cabeças, (...) / O fogo-fátuo que ilumina os ossos* – a ação da larva – *O Amor e a Fome, a fera ultriz que o fojo / Entra, à espera que a mansa vítima o entre* – a geografia – *Os terremotos que, abalando os solos, / Lembram paióis de pólvora explodindo, / A rotação dos fluidos produzindo / A depressão geológica dos pólos* – as crenças humanas – *O juramento dos guerreiros priscos / Metendo as mãos nas glândulas da vítima / As diferenciações que o psicoplasma / Humano sofre na mania mística* – a exploração e a dominação dos animais pelo homem – *A utilidade fúnebre da corda / Que arrasta a rês, depois que a rês engorda, / À morte desgraçada dos açougues...* – e oposições: a água X a brasa – *A diáfana água alvíssima e a horrída áscua* – as plantas X os animais, o microcosmos X o macrocosmos – *A formação molecular da mirra, / O cordeiro simbólico da Páscoa* – os instintos X a civilidade – *As rebeladas cóleras que rugem / No homem civilizado, e a ele se prendem* – a geração X a destruição – *O orbe feraz que bastos tojos acres / Produz; a rebelião que, na*

<sup>23</sup> Il (Spencer) divise toutes les réalités en « connaissable » et « inconnaissable » (...). Les phénomènes constituent le connaissable ; tout le reste, c'est l'inconnaissable. (...) Il cherche à expliquer le « connaissable » dans tous les ordres de phénomènes (...), par une seule et même loi d'évolution qui règle et domine tout.. Ibidem, pp. 243 e 244

<sup>24</sup> L'univers entier comme l'individu isolé sont dans un grand processus universel d'évolution et de résolution (concentration et dispersion, intégration et désintégration). Ibidem, pp. 249 e 250

<sup>25</sup> (...) la formule de C. E. Von Baer : « evolution de l'organisme passant de l'état d'homogénéité à l'état de non-homogénéité ». Il (Spencer) a entendu l'application de cette formule à tous les êtres, au système solaire et à notre globe, comme à la biologie, à la psychologie, à la sociologie (et à la morale). Ibidem, pp. 250, 251.

<sup>26</sup> REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. *História da filosofia. Vol. III*. São Paulo: Paulus, 1991. P. 330

*batalha, / Deixa os homens deitados, sem mortalha, / Na sangueira concreta dos massacres – a riqueza X a pobreza, a força X a fraqueza – O homem grande oprimindo o homem pequeno – o ser X o parecer – A lua falsa de um parasseleno, / A mentira meteórica do arco-íris. A relação do homem com o mundo é desordenada e difícil pois, com sua arrogância de ser superior e seu desejo incoerente de exaurir as propriedades terrenas, inicia um combate desnecessário – Tudo isto que o terráqueo abismo encerra / Forma a complicação desse barulho / Travado entre o dragão do humano orgulho / E as forças inorgânicas da terra!*

A voz interna indica ao poeta que tentar retratar a perfeição humana é impossível, pois o homem é abominável, e que mais vale que ele se concentre na realidade física do mundo, absolutamente disponível, esta sim contenedora do primor e da verdade – *Ah! Por mais que, com o espírito, trabalhes / A perfeição dos seres existentes, / Há de mostrar a cárie dos teus dentes / Na anatomia horrenda dos detalhes! / O Espaço (...) / E só! (...) / As radiantes elipses que as estrelas / Traçam, e ao espectador falsas se antolham / São verdades de luz (...)*

Após escutar o que disse a voz (chegamos à quarta parte do poema), o poeta chega ao ápice de sua alucinação e, com isso, Augusto dos Anjos demonstra o que a ausência da razão ordenadora do mundo, equilibradora do homem, orientadora dos sentimentos, e a presença da nefasta imaginação (existente nos estados teológico e metafísico) podem fazer com o homem: o poeta encontra-se desequilibrado, enlouquecido, incomunicável, delirante – *Eu puxava os cabelos desgrenhados / Como o rei Lear, no meio da floresta! / Maldizia, com apóstrofes veementes, / No estentor de mil línguas insurretas, (...) / Minha imaginação atormentada / Paria absurdos... (...); os fenômenos físicos apresentavam-se alterados, as leis científicas perdiam sua validade – O mundo resignava-se invertido / Nas forças principais do seu trabalho... / A gravidade era um princípio falho, / A análise espectral tinha mentido! – e a ordem da sociedade era inexistente – O Estado, a Associação, os Municípios / Eram mortos. (...). Nesse ponto, surge novamente o ceticismo de Augusto dos Anjos, ligado à idéia da morte como lei única da existência e da inutilidade da vida – *De todo aquele mundo / Restava um mecanismo**

*moribundo / E uma teleologia sem princípios*. – o que nos sugere que sua descrença é fruto de momentos de descontrole, nos quais a razão perde seu poder de direção sobre os sentimentos. Ora, Comte afirma no seu *Discurso sobre o Conjunto do Positivismo* que “se o coração deve sempre colocar questões, cabe sempre ao espírito resolvê-las”<sup>27</sup> e que “o espírito deve ser sempre o ministro do coração, nunca seu escravo”<sup>28</sup>, e ainda, no seu *Curso de Filosofia Positiva*, que as emoções não possuem nenhuma importância científica e não são passíveis de observações agudas, pois “constitui o melhor meio de conhecer as paixões sempre observá-las de fora. Porquanto todo estado de paixão muito pronunciado, a saber, precisamente aquele que será mais essencial examinar, necessariamente é incompatível com o estado de observação”<sup>29</sup>. Logo, aquela aparente divergência de Augusto dos Anjos com o positivismo no que diz respeito ao ceticismo diante da existência, se afigura, afinal, falsa.

### Conclusão

Não obstante o reduzido corpus utilizado no estudo, arrisca-se afirmar que as propriedades aí descobertas se estendem a toda obra poética de Augusto dos Anjos. O apelo a idéias e conceitos científicos e o conseqüente emprego de vocabulário correspondente – o científicismo; o culto à racionalidade – a razão é a *areté* do homem – em oposição às paixões; o primado do materialismo, que correspondente ao conceito de homem e à atração pela idéia da morte como degenerescência; a divergência com relação à metafísica; a censura referente à condição da sociedade. Ao relacionar essas propriedades com a doutrina positivista, evidencia-se a concordância entre as idéias que subjazem à poesia e os fundamentos que constroem a filosofia positiva e, enfim, declara-se resolutamente que a ideologia implícita na poesia de Augusto dos Anjos é positivista. Em conseqüência, afigura-se bastante dispensável o enfoque psicologista e

---

<sup>27</sup> COMTE, Auguste. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. P. 105

<sup>28</sup> Ibidem, p. 106

<sup>29</sup> Ibidem, p. 14

biógrafo com o qual são desenvolvidos muitos trabalhos a respeito da obra de Augusto dos Anjos<sup>30</sup>.

### Bibliografia:

ANJOS, Augusto dos. *Antologia poética; estudo e notas de Ivan Cavalcanti Proença*. – Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

COMTE, Auguste. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GRUBER, *Le Positivisme*. Paris: P. Lethielleux libraire-éditeur, 1893.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. *História da filosofia. Vol. III*. São Paulo: Paulus, 1991.

## ANEXO 1

### MONÓLOGO DE UMA SOMBRA

---

<sup>30</sup> (...) muitos dos estudos sobre Augusto dos Anjos (...) incidem no campo da crítica biográfica, psicológica, ou, ainda, psicanalítica (...). ANJOS, Augusto dos. *Antologia poética; estudo e notas de Ivan Cavalcanti Proença*. – Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997. Pág. 19

“Sou uma Sombra! Venho de outras eras,  
Do cosmopolitismo das moneras...  
Pólipo de recônditas reentrâncias,  
Larva de caos telú rico, procedo  
Da escuridão do cósmico segredo,  
Da substância de todas as substâncias!

A simbiose das coisas me equilibra.  
Em minha ignota mônada, ampla, vibra  
A alma dos movimentos rotatórios...  
E é de mim que decorrem, simultâneas  
A saúde das forças subterrâneas  
E a morbidez dos seres ilusórios!

Pairando acima dos mundanos tetos,  
Não conheço o acidente da *Senectus*  
— Esta universitária sanguessuga  
Que produz, sem dispêndio algum de vírus,  
O amarelecimento do papyrus  
E a miséria anatômica da ruga!

Na existência social, possuo uma arma  
— O metafisicismo de Abidarma —  
E trago, sem bramânicas tesouras,  
Como um dorso de azêmola passiva,  
A solidariedade subjetiva  
De todas as espécies sofredoras.

Com um pouco de saliva quotidiana  
Mostro meu nojo à Natu reza Humana.  
A podridão me serve de Evangelho...  
Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques  
E o animal inferior que urra nos bosques  
É com certeza meu irmão mais velho!

Tal qual quem para o próprio túmulo olha,  
Amarguradamente se me antolha,  
À luz do americano plenilúnio,  
Na alma crepuscular de minha raça  
Como uma vocação para a Desgraça  
E um tropismo ancestral para o Infortúnio.

Ai vem sujo, a coçar chagas plebéias,  
Trazendo no deserto das idéias  
O desespero endêmico do inferno,  
Com a cara hirta, tatuada de fuligens,  
Esse mineiro doido das origens,  
Que se chama o Filósofo Moderno!

Quis compreender, quebrando estéreis normas,  
A vida fenomênica das Formas,  
Que, iguais a fogos passageiros, luzem...  
E apenas encontrou na idéia gasta,

O horror dessa mecânica nefasta,  
A que todas as coisas se reduzem!

E hão de achá-lo, amanhã, bestas agrestes,  
Sobre a esteira sarcófaga das pestes  
A mostrar, já nos últimos momentos,  
Como quem se submete a uma charqueada,  
Ao clarão tropical da luz danada,  
O espólio dos seus dedos peçonhentos.

Tal a finalidade dos estames!  
Mas ele viverá, rotos os liames  
Dessa estranguladora lei que aperta  
Todos os agregados perecíveis,  
Nas eterizações indefiníveis  
Da energia intra-atômica liberta!

Será calor, causa úbica de gozo,  
Raio\* X, magnetismo misterioso,  
Quimiotaxia, ondulação aérea,  
Fonte de repulsões e de prazeres,  
Sonoridade potencial dos seres,  
Estrangulada dentro da matéria!

E o que ele foi: clavículas, abdômen,  
O coração, a boca, em síntese, o Homem,  
-- Engrenagem de vísceras vulgares —  
Os dedos carregados de peçonha,  
Tudo coube na lógica medonha  
Dos apodrecimentos musculares!

A desarrumação dos intestinos  
Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos  
Dentro daquela massa que o húmus come,  
Numa glutoneria hedionda, brincam,  
Como as cadelas que as dentuças trincam  
No espasmo fisiológico da fome.

É uma trágica festa emocionante!  
A bacteriologia inventariante  
Toma conta do corpo que apodrece...  
E até os membros da família engulham,  
Vendo as larvas malignas que se embrulham  
No cadáver malsão, fazendo um *s*.

E foi então para isto que esse doudo  
Estragou o vibrátil plasma todo,  
À guisa de um faquir, pelos cenóbios?!...  
Num suicídio graduado, consumir-se,  
E após tantas vigílias, reduzir-se  
À herança miserável dos micróbios!

Estoutro agora é o sátiro peralta  
Que o sensualismo sodomista exalta,

Nutrindo sua infâmia a leite e a trigo...  
Como que, em suas células vilíssimas,  
Há estratificações requintadíssimas  
De uma animalidade sem castigo.

Branças bacantes bêbedas o beijam.  
Suas artérias hírcicas latejam,  
Sentindo o odor das carnações abstêmias,  
E à noite, vai gozar, ébrio de vício,  
No sombrio bazar do meretrício,  
O cuspo afrodisíaco das fêmeas.

No horror de sua anômala nevrose,  
Toda a sensualidade da simbiose,  
Uivando, à noite, em lúbricos arroubos,  
Corno no babilônico *sansara*,  
Lembra a fome incoercível que escancara  
A mucosa carnívora dos lobos.

Sôfrego, o monstro as vítimas aguarda.  
Negra paixão congênita, bastarda,  
Do seu zooplasma ofídico resulta...  
E explode, igual à luz que o ar acomete,  
Com a veemência mavórtica do ariete  
E os arremessos de uma catapulta.

Mas muitas vezes, quando a noite avança,  
Hírto, observa através a tênue trança  
Dos filamentos fluídicos de um halo  
A destra descarnada de um duende,  
Que, tateando nas tenebras, se estende  
Dentro da noite má, para agarrá-lo!

Cresce-lhe a intracefálica tortura,  
E de su'alma na caverna escura,  
Fazendo ultra-epiléticos esforços,  
Acorda, com os candeeiros apagados,  
Numa coreografia de danados,  
A família alarmada dos remorsos.

É o despertar de um povo subterrâneo!  
É a fauna cavernícola do crânio  
— Macbeths da patológica vigília,  
Mostrando, em rembrandtescas telas várias,  
As incestuosidades sanguinárias  
Que ele tem praticado na família.

As alucinações tactis pululam.  
Sente que megatérios o estrangulam...  
A asa negra das moscas o horroriza;  
E autopsiando a amaríssima existência  
Encontra um cancro assíduo na consciência  
E três manchas de sangue na camisa!

Míngua-se o combustível da lanterna  
E a consciência do sátiro se inferna,  
Reconhecendo, bêbedo de sono,  
Na própria ânsia dionísica do gozo,  
Essa necessidade de *horroroso*,  
Que é talvez propriedade do carbono!

Ah! Dentro de toda a alma existe a prova  
De que a dor como um darto se renova,  
Quando o prazer barbaramente a ataca...  
Assim também, observa a ciência crua,  
Dentro da elipse ignívoma da lua  
A realidade de uma esfera opaca.

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,  
Abranda as rochas rígidas, torna água  
Todo o fogo telúrico profundo  
E reduz, sem que, entanto, a desintegre,  
À condição de uma planície alegre,  
A aspereza orográfica do mundo!

Provo desta maneira ao mundo odiento  
Pelas grandes razões do sentimento,  
Sem os métodos da abstrusa ciência fria  
E os trovões gritadores da dialética,  
Que a mais alta expressão da dor estética  
Consiste essencialmente na alegria.

Continua o martírio das criaturas:  
— O homicídio nas vielas mais escuras,  
— O ferido que a hostil gleba atra escarva,  
— O último solilóquio dos suicidas —  
E eu sinto a dor de todas essas vidas  
Em minha vida anônima de larva!”

Disse isto a Sombra. E, ouvindo estes vocábulos,  
Da luz da lua aos pálidos venábulos,  
Na ânsia de um nervosíssimo entusiasmo,  
Julgava ouvir monótonas corujas  
Executando, entre caveiras sujas,  
A orquestra arrepiadora do sarcasmo!

Era a elégia panteísta do Universo,  
Na podridão do sangue humano imerso,  
Prostituído talvez, em suas bases...  
Era a canção da Natureza exausta,  
Chorando e rindo na ironia infausta  
Da incoerência infernal daquelas frases.

E o turbilhão de tais fonemas acres  
Trovejando grandiloquos massacres,  
Há de ferir-me as auditivas portas,  
Até que minha efêmera cabeça  
Reverta à quietação da treva espessa

E à palidez das fotosferas mortas!

## ANEXO 2

### AS CISMAS DO DESTINO

I

Recife. Ponte Buarque de Macedo.  
Eu, indo em direção à casa do Agra,  
Assombrado com a minha sombra magra,  
Pensava no Destino, e tinha medo!

Na austera abóbada alta o fósforo alvo  
Das estrelas luzia... O calçamento  
Sáxeo, de asfalto rijo, atro e vidrento,  
Copiava a polidez de um crânio calvo.

Lembro-me bem. A ponte era comprida,  
E a minha sombra enorme enchia a ponte.  
Como uma pele de rinoceronte  
Estendida por toda a minha vida!

A noite fecundava o ovo dos vícios  
Animais. Do carvão da treva imensa  
Caía um ar danado de doença  
Sobre a cara geral dos edifícios!

Tal uma horda feroz de cães famintos,  
Atravessando uma estação deserta,  
Uivava dentro do *eu*, com a boca aberta,  
A matilha espantada dos instintos!

Era como se, na alma da cidade,  
Profundamente lúbrica e revolta,  
Mostrando as carnes, uma besta solta  
Soltasse o berro da animalidade.

E aprofundando o raciocínio obscuro,  
Eu vi, então, à luz de áureos reflexos,  
O trabalho genésico dos sexos,  
Fazendo à noite os homens do Futuro.

Livres de microscópios e escalpelos,  
Dançavam, parodiando saraus cínicos,  
Bilhões de *centrossomas* apolínicos  
Na câmara promíscua do *vitellus*.

Mas, a irritar-me os globos oculares,  
Apregoando e alardeando a cor nojenta,  
Fetos magros, ainda na placenta,  
Estendiam-me as mãos rudimentares!

Mostravam-me o apriorismo incognoscível  
Dessa fatalidade igualitária,  
Que fez minha família originária  
Do antro daquela fábrica terrível!

A corrente atmosférica mais forte  
Zunia. E, na ígnea crostra do Cruzeiro,  
Julgava eu ver o fúnebre candeeiro  
Que há de me alumiar na hora da morte.

Ninguém compreendia o meu soluço,  
Nem mesmo Deus! Da roupa pelas brechas,  
O vento bravo me atirava flechas  
E aplicações hiemais de gelo russo.

A vingança dos mundos astronômicos  
Enviava à terra extraordinária faca,  
Posta em rija adesão de goma laca  
Sobre os meus elementos anatômicos.

Ah! Com certeza, Deus me castigava!  
Por toda a parte, como um réu confesso,  
Havia um juiz que lia o meu processo  
E uma força especial que me esperava!

Mas o vento cessara por instantes  
Ou, pelo menos, o *ignis sapiens* do Orco  
Abafava -me o peito arqueado e porco  
Num núcleo de substâncias abra santes.

É bem possível que eu um dia cegue.  
No ardor desta letal tórrida zona,  
A cor do sangue é a cor que me impressiona  
E a que mais neste mundo me persegue!

Essa obsessão cromática me abate.  
Não sei por que me vêm sempre à lembrança  
O estômago esfaqueado de uma criança  
E um pedaço de víscera escarlate.

Quisera qualquer coisa provisória  
Que a minha cerebral caverna entrasse,  
E até ao fim cortasse e recortasse  
A faculdade aziaga da memória.

Na ascensão barométrica da calma,  
Eu bem sabia, ansioso e contrafeito,  
Que uma população doente do peito  
Tossia sem remédio na minh' alma!

E o cuspo que essa hereditária tosse  
Golfava, à guisa de ácido resíduo,  
Não era o cuspo só de um indivíduo  
Minado pela física precoce.

Não! Não era o meu cuspo, com certeza  
Era a expectoração pútrida e crassa  
Dos brônquios pulmonares de uma raça  
Que violou as leis da Natureza!

Era antes uma tosse ubíqua, estranha,  
Igual ao ruído de um calhau redondo  
Arremessado no apogeu do estrondo,  
Pelos fundibulários da montanha!

E a saliva daqueles infelizes  
Inchava, em minha boca, de tal arte,  
Que eu, para não cuspir por toda a parte,  
Ia engolindo, aos poucos, a hemoptísis!

Na alta alucinação de minhas cismas  
O microcosmos líquido da gota  
Tinha a abundância de uma artéria rota,  
Arrebentada pelos aneurismas.

Chegou-me o estado máximo da mágoa!  
Duas, três, quatro, cinco, seis e sete  
Veze que eu me furei com um canivete,  
A hemoglobina vinha cheia de água!

Cuspo, cujas caudais meus beiços regam,  
Sob a forma de mínimas camândulas,  
Benditas sejam todas essas glândulas,  
Que, quotidianamente, te segregam!

Escarrar de um abismo noutra abismo,  
Mandando ao Céu o fumo de um cigarro,  
Há mais filosofia neste escarro  
Do que em toda a moral do cristianismo!

Porque, se no orbe oval que os meus pés tocam  
Eu não deixasse o meu cuspo carrasco,  
Jamais exprimiria o acérrimo asco  
Que os canalhas do mundo me provocam!

## II

Foi no horror dessa noite tão funérea  
Que eu descobri, maior talvez que Vinci,  
Com a força visualística do lince,  
A falta de unidade na matéria!

Os esqueletos desarticulados,  
Livres do acre fedor das carnes mortas,  
Rodopiavam, com as brancas tíbias tortas,  
Numa dança de números quebrados!

Todas as divindades malfazejas,  
Siva e Arimã, os duendes, o In e os trasgos,

Imitando o barulho dos engasgos,  
Davam pancadas no adro das igrejas.

Nessa hora de monólogos sublimes,  
A companhia dos ladrões da noite,  
Buscando uma taverna que os açoite,  
Vai pela escuridão pensando crimes.

Perpetravam-se os atos mais funestos,  
E o luar, da cor de um doente de icterícia,  
Iluminava, a rir, sem pudicícia,  
A camisa vermelha dos incestos.

Ninguém, decerto, estava ali, a espiar-me,  
Mas um lampião, lembrava ante o meu rosto,  
Um sugestionador olho, ali posto  
De propósito, para hipnotizar-me!

Em tudo, então, meus olhos distinguiram  
Da miniatura singular de uma aspa,  
À anatomia mínima da caspa,  
Embrões de mundos que não progrediram!

Pois quem não vê aí, em qualquer rua,  
Com a fina nitidez de um clarão jorro,  
Na paciência budista do cachorro  
A alma embrionária que não continua?!

Ser cachorro! Ganir incompreendidos  
Verbos! Querer dizer-nos que não finge,  
E a palavra embrulhar-se no laringe,  
Escapando-se apenas em latidos!

Despir a putrescível forma tosca,  
Na atra dissolução que tudo inverte,  
Deixar cair sobre a barriga inerte  
O apetite necrófago da mosca!

A alma dos animais! Pego-a, distingo-a,  
Acho-a nesse interior duelo secreto  
Entre a ânsia de um vocábulo completo  
E uma expressão que não chegou à língua!

Surpreendo-a em quatrilhões de corpos vivos,  
Nos antiperistálticos abalos  
Que produzem nos bois e nos cavalos  
A contração dos gritos instintivos!

Tempo viria, em que, daquele horrendo  
Caos de corpos orgânicos disformes  
Rebentariam cérebros enormes  
Como bolhas febris de água, fervendo!

Nessa época que os sábios não ensinam,

A pedra dura, os montes argilosos  
Criariam feixes de cordões nervosos  
E o neuroplasma dos que raciocinam!

Almas pigméias! Deus subjuga-as, cinge -as  
À imperfeição! Mas vem o Tempo, e vence-O,  
E o meu sonho crescia no silêncio,  
Maior que as epopéias carolíngias!

Era a revolta trágica dos tipos  
Ontogênicos mais elementares,  
Desde os foraminíferos dos mares  
À grei liliputiana dos polipos.

Todos os personagens da tragédia,  
Cansados de viver na paz de Buda,  
Pareciam pedir com a boca muda  
A ganglionária célula intermédia.

A planta que a canícula ígnea torra,  
E as coisas inorgânicas mais nulas  
Apregoavam encéfalos, medulas  
Na alegria guerreira da desforra!

Os protistas e o obscuro acervo rijo  
Dos espongiários e dos infusórios  
Recebiam com os seus órgãos sensórios  
O triunfo emocional do regozijo!

E apesar de já ser assim tão tarde,  
Aquele humanidade parasita,  
Como um bicho inferior, berrava, aflita,  
No meu temperamento de covarde!

Mas, refletindo, a sós, sobre o meu caso,  
Vi que, igual a um amniota subterrâneo,  
Jazia atravessada no meu crânio  
A intercessão fatídica do atraso!

A hipótese genial do *microzima*  
Me estrangulava o pensamento guapo,  
E eu me encolhia todo como um sapo  
Que tem um peso incômodo por cima!

Nas agonias do *delirium-tremens*,  
Os bêbedos alvares que me olhavam,  
Com os copos cheios esterilizavam  
A substância prolífica dos semens!

Enterravam as mãos dentro das goelas,  
E sacudidos de um tremor indômito  
Expeliam, na dor forte do vômito,  
Um conjunto de gosmas amarelas.

Iam depois dormir nos lupanares  
Onde, na glória da concupiscência,  
Depositavam quase sem consciência  
As derradeiras forças musculares.

Fabricavam destarte os blastodermas,  
Em cujo repugnante receptáculo  
Minha perscrutação via o espetáculo  
De uma progênie idiota de palermas.

Prostituição ou outro qualquer nome,  
Por tua causa, embora o homem te aceite,  
É que as mulheres ruins ficam sem leite  
E os meninos sem pai morrem de fome!

Por que há de haver aqui tantos enterros?  
Lá no “Engenho” também, a morte é ingrata...  
Há o malvado carbúnculo que mata  
A sociedade infante dos bezerros!

Quantas moças que o túmulo reclama!  
E após a podridão de tantas moças,  
Os porcos espojando-se nas poças  
Da virgindade reduzida à lama.

Morte, ponto final da última cena,  
Forma difusa da matéria imbele,  
Minha filosofia te repele,  
Meu raciocínio enorme te condena!

Diante de ti, nas catedrais mais ricas,  
Rolam sem eficácia os amuletos,  
Oh! Senhora dos nossos esqueletos  
E das caveiras diárias que fabricas!

E eu desejava ter, numa ânsia rara,  
Ao pensar nas pessoas que perdera,  
A inconsciência das máscaras de cera  
Que a gente prega, com um cordão, na cara!

Era um sonho ladrão de submergir-me  
Na vida universal, e, em tudo imerso,  
Fazer da parte abstrata do Universo,  
Minha morada equilibrada e firme!

Nisto, pior que o remorso do assassino,  
Reboou, tal qual, num fundo de caverna,  
Numa impressionadora voz interna,  
O eco particular do meu Destino:

III

“Homem! por mais que a Idéia desintegres,  
Nessas perquirições que não têm pausa,  
Jamais, magro homem, saberás a causa

De todos os fenômenos alegres!

Em vão, com a bronca enxada árdega, sondas  
A estéril terra, e a hialina lâmpada oca,  
Trazes, por perscrutar (oh! ciência louca!)  
O conteúdo das lágrimas hediondas.

Negro e sem fim é esse em que te mergulhas  
Lugar do Cosmos, onde a dor infrene  
É feita como é feito o querosene  
Nos recôncavos úmidos das hulhas!

Porque, para que a Dor perscrutes, fora  
Mister que, não como és, em síntese, antes  
Fosses, a refletir teus semelhantes,  
A própria humanidade sofredora!

A universal complexidade é que Ela  
Compreende. E se, por vezes, se divide,  
Mesmo ainda assim, seu todo não reside  
No quociente isolado da parcela!

Ah! Como o ar imortal a Dor não finda!  
Das papilas nervosas que há nos tatos  
Veio e vai desde os tempos mais transatos  
Para outros tempos que hão de vir ainda!

Como o machucamento das insônias  
Te estraga, quando toda a estuada Idéia  
Dás ao sôfrego estudo da ninféia  
E de outras plantas dicotiledôneas!

A diáfana água alvíssima e a hórrida áscua  
Que da ígnea flama bruta, estriada, espirra;  
A formação molecular da mirra,  
O cordeiro simbólico da Páscoa;

As rebeladas cóleras que rugem  
No homem civilizado, e a ele se prendem  
Como às pulseiras que os mascates vendem  
A aderência teimosa da ferrugem;

O orbe feraz que bastos tojos acres  
Produz; a rebelião que, na batalha,  
Deixa os homens deitados, sem mortalha,  
Na sangueira concreta dos massacres;

Os sanguinolentíssimos chicotes  
Da hemorragia; as nódoas mais espessas,  
O achatamento ignóbil das cabeças,  
Que ainda degrada os povos hotentotes;

O Amor e a Fome, a fera ultriz que o fojo  
Entra, à espera que a mansa vítima o entre,

— Tudo que gera no materno ventre  
A causa fisiológica do nojo;

As pálpebras inchadas na vigília,  
As aves moças que perderam a asa,  
O fogão apagado de uma casa,  
Onde morreu o chefe da família;

O trem particular que um corpo arrasta  
Sinistramente pela via férrea,  
A cristalização da massa térrea,  
O tecido da roupa que se gasta;

A água arbitrária que hiulcos caules grossos  
Carrega e come, as negras formas feias  
Dos aracnídeos e das centopeias,  
O fogo-fátuo que ilumina os ossos;

As projeções flamívoras que ofuscam,  
Como uma pincelada rembradtesca,  
A sensação que uma coalhada fresca  
Transmite às mãos nervosas dos que a buscam;

O antagonismo de Tifon e Osíris,  
O homem grande oprimindo o homem pequeno,  
A lua falsa de um parasselena,  
A mentira meteórica do arco-íris;

Os terremotos que, abalando os solos,  
Lembram paióis de pólvora explodindo,  
A rotação dos fluidos produzindo  
A depressão geológica dos pólos;

O instinto de procriar, a ânsia legítima  
Da alma, afrontando ovante aziagos riscos,  
O juramento dos guerreiros priscos  
Metendo as mãos nas glândulas da vítima;

As diferenciações que o psicoplasma  
Humano sofre na mania mística,  
A pesada opressão característica  
Dos 10 minutos de um acesso de asma;

E, (conquanto contra isto ódios regougues)  
A utilidade fúnebre da corda  
Que arrasta a rês, depois que a rês engorda,  
À morte desgraçada dos açougues...

Tudo isto que o terráqueo abismo encerra  
Forma a complicação desse barulho  
Travado entre o dragão do humano orgulho  
E as forças inorgânicas da terra!

Por descobrir tudo isso, embalde cansas!

Ignoto é o gérmen dessa força ativa  
Que engendra, em cada célula passiva,  
A heterogeneidade das mudanças!

Poeta, feto malsão, criado com os sucos  
De um leite mau, carnívoro asqueroso,  
Gerado no atavismo monstruoso  
Da alma desordenada dos malucos;

Última das criaturas inferiores  
Governada por átomos mesquinhos,  
Teu pé mata a uberdade dos caminhos  
E esteriliza os ventos geradores!

O áspero mal que a tudo, em torno, trazes,  
Análogo é ao que, negro e a seu turno,  
Traz o ávido filóstomo noturno  
Ao sangue dos mamíferos vorazes!

Ah! Por mais que, com o espírito, trabalhes  
A perfeição dos seres existentes,  
Hás de mostrar a cárie dos teus dentes  
Na anatomia horrenda dos detalhes!

O Espaço — esta abstração spenceriana  
Que abrange as relações de coexistência  
E só! Não tem nenhuma dependência  
Com as vértebras mortais da espécie humana!

As radiantes elipses que as estrelas  
Traçam, e ao espectador falsas se antolham  
São verdades de luz que os homens olham  
Sem poder, no entretanto, compreendê-las.

Em vão, com a mão corrupta, outro éter pedes  
Que essa mão, de esqueléticas falanges,  
Dentro dessa água que com a vista abranges,  
Também prova o princípio de Arquimedes!

A fadiga feroz que te esbordoa  
Há de deixar-te essa medonha marca,  
Que, nos corpos inchados de anasarca,  
Deixam os dedos de qualquer pessoa!

Nem terás no trabalho que tiveste  
A misericordiosa toalha amiga,  
Que afaga os homens doentes de bexiga  
E enxuga, à noite, as pústulas da peste!

Quando chegar depois a hora tranqüila,  
Tu serás arrastado, na carreira,  
Como um cepo inconsciente de madeira  
Na evolução orgânica da argila!

Um dia comparado com um milênio  
Seja, pois, o teu último Evangelho...  
E a evolução do novo para o velho  
E do homogêneo para o heterogêneo!

Adeus! Fica-te aí, com o abdômen largo  
A apodrecer!... És poeira, e embalde vibras!  
O corvo que comer as tuas fibras  
Há de achar nelas um sabor amargo!”

#### IV

Calou-se a voz. A noite era funesta.  
E os queixos, a exhibir trismos danados,  
Eu puxava os cabelos desgrenhados  
Como o rei Lear, no meio da floresta!

Maldizia, com apóstrofes veementes,  
No estentor de mil línguas insurretas,  
O convencionalismo das Pandetas  
E os textos maus dos códigos recentes!

Minha imaginação atormentada  
Paria absurdos... Como diabos juntos,  
Perseguiam-me os olhos dos defuntos  
Com a carne da esclerótica esverdeada.

Secara a clorofila das lavouras.  
Igual aos sustentidos de uma endecha\*  
Vinha-me às cordas glóticas a queixa  
Das coletividades sofredoras.

O mundo resignava-se invertido  
Nas forças principais do seu trabalho...  
A gravidade era um princípio falho,  
A análise espectral tinha mentido!

O Estado, a Associação, os Municípios  
Eram mortos. De todo aquele mundo  
Restava um mecanismo moribundo  
E uma teleologia sem princípios.

Eu queria correr, ir para o inferno,  
Para que, da psiquê no oculto jogo,  
Morressem sufocadas pelo fogo  
Todas as impressões do mundo externo!

Mas a Terra negava -me o equilíbrio...  
Na Natureza, uma mulher de luto  
Cantava, espiando as árvores sem fruto,  
A canção prostituta do ludíbrio!

